

REFLEXÕES SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA EM *TO ROOM NINETEEN*

Katia Luisa Seckler e Rochele Santos Silva

RESUMO[®]

To room nineteen, conto da escritora inglesa Doris Lessing, narra a trajetória de Susan Rawlings, problematizando as práticas sociais da protagonista. O tópico mais explorado no texto é a fragmentação da identidade feminina que é contraposta às práticas sociais do personagem masculino. Através da construção da voz narrativa, observa-se que a personagem tenta refletir sobre a condição que a aprisiona em um universo doméstico. Essas reflexões constituem ponto de partida para o desenvolvimento do artigo, que tem como suporte teórico o pensamento de Beauvoir, Johnson e Cuche.

PALAVRAS-CHAVE: ideologia, cultura, mulher

INTRODUÇÃO

Em decorrência da interiorização de valores sociais distorcidos que têm ocorrido ao longo da história humana em relação ao sexo masculino e feminino, a representação da mulher no conto (década de 50) assinala sua relação de dependência em oposição à liberdade de ação e expressão do homem. Em *To room nineteen* fica claro o conflito matrimonial que passa a fazer parte do universo de Susan. A personagem de Lessing apresenta duas fases de comportamento: uma anterior ao casamento e outra posterior. Inicialmente, Susan tinha um papel dentro da sociedade, era participativa e tinha uma carreira bem sucedida.

Ao casar com Matthew, ela passa a desempenhar a função de mãe e esposa, sufocando, gradativamente, sua identidade. Desta forma, inicia-se o conflito desenvolvido pela trama narrativa, já que a protagonista não se vê como um sujeito ativo no meio em que vive. Isso pode ser percebido na passagem que ela reflete sobre as transformações ocorridas em sua vida:

Primeiro, eu passei doze anos da minha vida adulta trabalhando, vivendo minha própria vida. Então, eu casei, e a partir da minha primeira gravidez, eu me isolei, por assim dizer, das pessoas. Vivendo para as crianças. Em nenhum momento por doze anos eu estive sozinha, tive tempo para mim mesma. Agora eu tenho que aprender a ser eu mesma novamente. ¹(p. 351)

Observa-se que, devido à força da ideologia patriarcal, Susan vê-se reprimida pelas imposições de um sistema opressor, que não dá voz à mulher, limitando-a simplesmente à esfera doméstica e alienando-a de todo um universo exterior ao da família. Essa questão desencadeia a tensão vivenciada pela personagem de Doris Lessing.

1 Considerações sobre o drama da protagonista

Como Lenz Vianna (1991) observa, Susan, ao refletir sobre a sua existência, passa a ter sensações de vazio e inquietação que no decorrer da história transformam-se em ressentimento e medo. A personagem começa a sentir solidão e questiona-se sobre o significado da vida. É possível perceber, em determinado momento da narrativa, que ao tentar fugir da sua condição, passa a se isolar ainda mais, cortando o canal de comunicação entre o seu pensamento, a palavra e o mundo que a cerca.

Susan não contava a Matthew sobre esses pensamentos. Eles não são sensatos. Ela não se reconhecia neles. O que ela poderia dizer ao seu querido amigo e marido Matthew? “Quando eu vou ao jardim, isto é, se as crianças não estão lá, eu sinto como se houvesse um inimigo esperando para me invadir.” “Que inimigo, Susan querida? Bem, eu não sei realmente... Talvez você deva ir ao médico.” (p.352)

O inimigo a que Susan várias vezes se refere, pode ser interpretado como a representação de sua própria consciência que tenta aflorar, mas acaba reprimida pelos mecanismos sociais. Deixando de expressar-se e ter discernimento para refletir sobre ela mesma, a protagonista de Lessing sente dificuldade de falar sobre seus sentimentos, uma vez que a rotina de Matthew tanto no trabalho como em relação ao espaço social não sofre alteração. O drama da personagem não tem espaço para ser resolvido na sociedade retratada – marcadamente patriarcal –, ultrapassando o nível individual e assumindo uma dimensão coletiva, ou seja, o conflito de Susan representa o conflito vivenciado por muitas outras mulheres.

O comportamento de Matthew condiz com a idéia da ideologia patriarcal que concede privilégios ao universo masculino. Isso explica a falta de

compreensão por parte do personagem, que se mostra solidário à mulher em um primeiro momento, mas que não se esforça em ajudá-la. Matthew entende que ambos estão vivenciando situações que são consideradas “normais” no meio em que estão inseridos. Ou seja, se Susan enfrenta problemas na esfera do lar, Matthew também vive situações conflituosas em seu trabalho, mas a falta de questionamento por parte da personagem masculina faz com que ela se convença de que a vida não pode ser de outra forma. Ao agir dessa maneira, a personagem masculina inconscientemente reforça o *status quo*, corroborando o pensamento de Beauvoir (1980), que acredita que “mesmo o homem mais simpático à mulher nunca lhe conhece bem a situação concreta. Por isso não há como acreditar nos homens quando se esforçam por defender privilégios cujo alcance não medem.”

O texto nos convida a refletir sobre a construção da cultura e da ideologia centradas na figura masculina, e desenvolvidas através de oposições binárias, dicotômicas. Ao longo dos processos históricos, o homem foi visto como sujeito, ser inteligível, representante da razão e da cultura, e a mulher como objeto, corpo, natureza, ser sensível, ligada às emoções. Dessa maneira, nas palavras de Schmidt (1994), fica evidente a construção de um pólo positivo associado à autoridade do logos, onde ser (homem) constitui como presença, e de um pólo negativo, marcado pela não presença do ser (mulher).

To room nineteen, representa, através da personagem masculina e da feminina essa questão, pois remete às relações de poder inscritas nas práticas sociais e discursivas de uma cultura que, como Schmidt (idem) argumenta, construiu-se a partir do ponto de vista normativo do homem.

2 A representação dos universos opostos: masculino x feminino

A oposição entre o universo masculino e o feminino, o contraste entre os sexos tem sido alvo de estudos e teorias desde longa data. Não é de agora que são realizadas investigações a respeito do assunto buscando entender ou analisar esta dualidade. O mito de Tristão e Isolda mostra essa oposição, apontando para a ausência da voz feminina dentro da sociedade. Isso se verifica dentro do conto de Doris Lessing no qual Matthew representa o poder patriarcal, masculino, enquanto Susan representa o lado obliterado que não consegue passar da invisibilidade para a visibilidade. Conforme Johnson (1987),

“As mulheres encontrarão no mito de Tristão e Isolda uma vívida imagem simbólica das enormes forças que agem dentro de nós, homens e mulheres, quando nos deixamos envolver por uma experiência de amor romântico. O mito não apenas registra a dinâmica do amor romântico na psicologia masculina, mas também reflete o destino do feminino em nossa cultura e mostra que valores como o sentimento, a afinidade e a consciência da alma foram praticamente expulsos da alma pela consciência patriarcal...”.

Ao se submeter às imposições do casamento burguês, Susan acaba assimilando um papel que ela não deseja para si, mas que é imposto pela cultura da sociedade patriarcal. Para Johnson (1987), tanto os homens quanto as mulheres aceitaram a versão patriarcal da sociedade. As mulheres aprenderam a idealizar os valores masculinos em detrimento do lado feminino da vida. Muitas mulheres sentiam-se inferiores por acreditar que o gênero feminino era a “segunda opção”. Nas palavras do autor,

As mulheres foram educadas para considerar que as atividades masculinas, raciocínio, poder e sucesso, têm valor real; e assim a mulher ocidental acaba se vendo no mesmo dilema psicológico que o homem ocidental: desenvolve um domínio unilateral e competitivo das características masculinas, em detrimento do seu lado feminino.

Esse enfraquecimento do papel feminino perante o masculino caracteriza as ações da personagem Susan, a qual tem o seu “eu” suprimido em nome da família e em nome do sistema burguês.

3 A questão da identidade

Ao focar a situação da personagem Susan, torna-se necessário expor uma noção sobre identidade desenvolvida por Cuche (1999). Segundo esse estudioso:

“Em uma abordagem culturalista, a ênfase não é colocada sobre a herança biológica, não mais considerada como determinante, mas, na herança cultural, ligada à socialização do indivíduo no interior de seu grupo cultural (...) Segundo esta abordagem, o indivíduo é levado a interiorizar os modelos culturais que lhe são impostos, até o ponto de se identificar com seu grupo de origem.” (p.179)

De acordo com esta abordagem, a identidade pré-existe ao indivíduo, ou seja, ela é uma herança cultural. O indivíduo tem de se adaptar aos modelos prescritos pela sociedade para sentir-se adequado a ela. Seguindo essa linha de pensamento, pode-se explicar a perda da identidade da protagonista, pois

julgando não pertencer, ou adaptar-se ao meio que habita, ela se sente inútil, sem conseguir exercer nenhum papel atuante dentro de seu mundo cultural.

4 A função da voz narrativa

Há também uma relevante questão dentro desta obra no que se refere ao papel da voz narrativa. Lessing vale-se de um foco narrativo onisciente, que mostra para o leitor os pensamentos dos protagonistas e tece comentários, muitas vezes irônicos, sobre o que está acontecendo ao casal e suas reações. Na seguinte passagem, o narrador questiona o que mantinha Matthew e Susan unidos e ao mesmo tempo ironiza o modelo de casamento burguês:

Mas não havia nenhum ponto sobre o qual algum deles pudesse dizer: "por isto é todo o resto". Filhos? Mas filhos não podem ser o centro da vida e a razão de ser. O emprego de Matthew? Ridículo. Era um trabalho interessante, mas longe de ser uma razão para viver. O amor de um pelo outro? Bem, este seria o mais próximo. Se isso não fosse o centro, o que seria? Ambos Susan e Matthew tinham momentos para pensar, olhando com secreta descrença para essa coisa que eles haviam criado: casamento, quatro filhos, casa grande, jardim, criada, amigos, carros... e esta coisa, esta entidade, tudo isso passa a fazer parte da existência, jogada não se sabe de onde, porque Susan amava Matthew e Matthew amava Susan. Extraordinário. Assim, esse era o ponto central, o princípio de tudo. (p. 345)

Neste fragmento, percebe-se o uso do vocábulo "coisa" para qualificar a sociedade. Essa "entidade" que mantém o casamento de Matthew e Susan é a manifestação das convenções sociais, que dita o comportamento que deles é esperado e o casal, Susan especialmente, acatam sem indagar ou refletir sobre o sentido que ainda pode existir em seu relacionamento.

Pode-se inferir que, nesse caso, o narrador é, na verdade, uma narradora; muito da obra de Lessing tem a ver com suas próprias experiências e sua visão de mundo, como tanto os críticos literários como ela própria tem afirmado. Invariavelmente centrada no universo feminino, sua ficção questiona as tensões e os desafios constantes enfrentados pela mulher, especialmente dentro da instituição do casamento e da maternidade.

Nesta obra, portanto, percebe-se que há uma voz feminina que se dirige ao público feminino. Esta é uma diferença que as obras feministas apresentam em oposição às obras escritas por homens. Essas últimas mostram como as mulheres são construídas dentro dos moldes sociais e culturais, muitas vezes sem questionar ou criticar os padrões pré-estabelecidos. Já

a obra de caráter feminista tem a preocupação de construir um estreito canal de comunicação entre autora, personagem e leitora. Neste sentido, mostra-se a cumplicidade entre estes três elementos, pois apenas as mulheres são capazes de entender a linguagem falada por e para elas.

Segundo Humm(1989), os textos de crítica feminista enfocam a opressão da mulher como um tema em literatura e presume a leitora como consumidora de trabalhos escritos por homens. Para esta autora,

"A crítica feminista tem que fazer-nos "atuar", como mulheres leitoras, pela criação de novas comunidades de escritores e leitores sustentados e falados por uma linguagem por e para a mulher". (p.82)

A importância da voz narrativa para o entendimento da história se dá por que é através do narrador, e não da voz da personagem, que o leitor compreende o conflito que está sendo exposto. Desta forma, o narrador por desenvolver uma abordagem feminista consegue transmitir como esses mecanismos sociais agem na consciência e na ação da protagonista feminina.

5 Relação entre obra e autor

Doris Lessing escreve sobre temas como o conflito entre culturas, a luta entre elementos opostos dentro da personalidade das pessoas, e o conflito entre a consciência individual e o produto coletivo. Esse último aspecto de sua obra pode ser observado no conto em questão, em que a protagonista sente-se incapaz de reagir porque sabe que aos olhos da sociedade, a sua vida está como deve ser, ou seja, está de acordo com as práticas sociais impostas pelo sistema patriarcal.

Recorrendo à biografia da autora, constata-se que ela já observava esse conflito como uma realidade, ao lembrar, por exemplo, da geração de sua mãe: "Há uma geração inteira de mulheres que têm suas vidas paradas quando têm filhos. Muitas delas tornam-se neuróticas", observa a escritora, atribuindo a razão dessa neurose ao fato de que há um contraste entre o que as mulheres aprendem na escola em relação à sua capacidade de ser e o que realmente acontece a elas na vida real.

Isso significa que, a autora, ao focar o drama de um casal fictício (Matthew e Susan Rawlings), apresenta criticamente a maneira como a sociedade da época está organizada. As convenções impostas pela cultura dominante são geradoras de conflitos causados, em grande parte, pelo poder que a cultura confere a alguns indivíduos em detrimento de outros.

6 A influência da cultura na construção da personagem

Conforme Thompson (1990), os fenômenos culturais podem ser entendidos como relações de poder, sujeitos a múltiplas e talvez divergentes interpretações por parte dos indivíduos que lidam com esses fenômenos no decorrer de suas vidas. Nessas relações de poder engendradas pela cultura, pode-se dizer que a personagem Susan Rawlings representa o “outro” cuja voz é silenciada.

Não, Matthew era um marido em tempo integral, um pai em tempo integral, e às noites, na grande cama de casal no grande quarto de casal (que tinha uma atrativa vista para o rio) eles deitavam lado a lado e ele contava a ela sobre seu dia, o que ele havia feito, e quem ele havia conhecido; e ela contava sobre seu dia (que não era tão interessante, mas isso não era culpa dela) porque ambos sabiam dos ressentimentos escondidos e privações da mulher que vivia sua própria vida- e, sobretudo, ganhava seu próprio sustento- e agora é dependente de um marido para os interesses externos e dinheiro. 4(pág.346)

Como pode ser constatado, Susan representa o desejo feminino de transformação, mas esse desejo torna-se frustrado, pois a personagem acaba se curvando ao sistema existente que a leva ao ponto máximo de isolamento e exclusão. Susan sente-se excluída da sociedade, visto que não possui mais uma identidade capaz de representar seu próprio “eu”. Há um conflito entre Susan e o mundo que a cerca, o que a leva a buscar, na reclusão, um modo de resistir às rotinas que lhe são impostas. Sem perspectivas, a personagem acaba encontrando na morte a solução para os seus problemas.

Segundo Lenz Vianna (1991), a visão final que temos de Susan é de um indivíduo desprovido de processos humanos vitais, como os da cognição e articulação, não só ao nível da fala, mas também ao nível da emoção. O código dominante do conto parece ser o da paralisia, uma vez que Susan se sente impossibilitada de agir e pensar.

O tema do conto apresenta uma reflexão sobre o papel da mulher que se sente oprimida dentro do espaço social, mostrando como nasce o seu conflito que é desencadeado através de um sistema que a aprisiona e subtrai sua importância, suas formas de valor e sentido. Susan não pode representar a nova mulher de seu tempo, pois ela não luta contra a força que a domina; não consegue desenvolver estratégias de resistência que tornem possível a humanização de sua vida.

Ela sentou, derrotando o inimigo, a inquietação. O vazio. Ela deveria estar pensando sobre sua vida, sobre ela mesma. Mas ela não pensava. Ou talvez ela não conseguisse pensar. Tão rápido quanto ela forçava sua mente para pensar sobre Susan (por que mais ela iria querer tanto estar sozinha?) sua mente se desviava para pensamentos sobre manteiga e uniformes da escola. 5(p. 353)

Essa situação faz com que ela refugie-se num quarto de sua casa. Inicialmente ficava no quarto de hóspedes e, ao perceber que lá não possuía mais espaço e a privacidade de que tanto necessitava, passa a isolar-se num quarto de hotel na tentativa de encontrar a si própria.

Quando Susan percebe que em casa não terá a paz e nem a compreensão da qual julga necessitar, a personagem procura num quarto do hotel de Miss Townsend o refúgio para seus conflitos. O distanciamento de Susan chega a tal ponto que ela não consegue mais se sentir útil em relação à família e nem mesmo conversar com qualquer pessoa. Desse modo, a protagonista decide ir para outro hotel, onde possa ficar absolutamente só.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditando estar louca e perdida em seu anonimato intencional, quando indagada pelo marido se tem um amante, ela prefere confirmar a suspeita de Matthew a revelar o motivo de suas ausências em casa. O isolamento da personagem central toma proporções trágicas: incapaz de qualquer gesto para reverter sua situação, Susan encontra a saída para seu drama no suicídio, que comete no “quarto 19”:

...ela levantou-se, empurrou o fino tapete contra a porta, certificou-se de que janelas estavam bem fechadas, colocou dois xelins no medidor, e ligou o gás. Pela primeira vez desde que esteve no quarto ela deitou-se na cama desconfortável que cheirava mal, que cheirava a suor e sexo. Ela deitou-se de costas sobre a colcha verde de cetim, mas suas pernas estavam frias. Levantou-se, encontrou um cobertor dobrado no fundo da cômoda, e cuidadosamente cobriu suas pernas. Estava muito contente deitada, ouvindo o leve e suave barulho do gás que se espalhava pelo quarto, dentro de seus pulmões, dentro do seu cérebro, como se ela estivesse deslizando em um rio escuro.6 (p.378)

O suicídio de Susan revela, dramaticamente, seu estado de espírito e sua grande solidão. Enquanto o sufocamento da vida doméstica e a rotina fazem-na sentir presa e incapaz de agir, a asfixia do gás lhe proporciona liberdade e paz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Vol. 1., 1980.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Educ. Bauru, 1999.
- JOHNSON, A. R. We, A chave da psicologia do amor romântico. Ed. Mercuryo. São Paulo, 1987.
- LENZ VIANNA, Vera Lúcia. **No quarto 19: uma reflexão sobre a condição feminina**. In: Revista **Letras**, vol. 1 – Editora da UFSM, 1991.
- SCHMIDT, Rita. *Mulher e literatura*. In: **Mulher em prosa e verso**. Porto Alegre: Movimento, V. 37, 1994.
- THOMPSON, John. **Ideology and modern culture**. Stanford: Stanford University Press, 1990. <http://lessing.redmood.com/biography.html>

NOTAS

© Trabalho realizado pelas alunas do oitavo semestre do curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria, Katia Luisa Seckler e Rochele Santos Silva, participantes do Projeto “Representações culturais nas manifestações literárias” coordenado pela Professora Dr. Vera Lúcia Lenz Vianna. Tradução livre feita pelas autoras.

First, I spent twelve years of my adult life working, living my own life. Then, I married, and from the moment I became pregnant for the first time I signed myself over, so to speak, to the other people. To the children. Not for the one moment in twelve years have been alone, had time to myself. So now I have to learn to be myself again.

Susan did not tell Matthew of these thoughts. They were not sensible. She did not recognize herself in them. What should she say to her dear friend and husband Matthew? “When I go into the garden, that is, if the children are not there, I feel as if there is an enemy there waiting to invade me.” “What enemy Susan darling?” “Well I don’t know, really ...” “Perhaps you should see a doctor?”

3- But there was no point about which either could say: ‘for the sake of this is all the rest’. Children? But children can’t be a centre of life and a reason for being, (...) Matthew’s job? Ridiculous. It was an interesting job, but scarcely a reason for living, (...) Their love for each other? Well, that was nearest it. If this was not the centre, what was? (...) Both Susan and Matthew had moments of thinking so, of looking in secret disbelief at this thing they had created: marriage, four children, big house, garden,

charwomen, friends, cars...and this thing, this entity, all of it had come into existence, been blown into being out of nowhere, because Susan loved Matthew and Matthew loved Susan. Extraordinary. So that was the central point, the well-spring.

4- No, Matthew was a full-time husband, a full-time father, and at nights, in the big married bed in the big married bedroom (which had an attractive view of the river) they lay beside each other talking and he told her about his day, and what he had done, and whom he had met; and she told him about her day (not as interesting, but that was not her fault) for both knew of the hidden resentments and deprivations of the woman who has lived her own life – and above all, has earned her own living – and is now dependent on a husband for outside interests and money.

5- She sat defeating the enemy, restlessness. Emptiness. She ought to be thinking about her life, about herself. But she did not. Or perhaps she could not. As soon as she forced her mind to think about Susan (for what else did she want to be alone for?) it skipped off to thoughts of butter or school clothes.

6- She got up, pushed the thin rug against the door, made sure the windows were tight shut, put two shillings in the meter, and turned on the gas. For the first time since she had been in the room she lay on the hard bed that smelled stale, that smelled of sweat and sex. She lay on her back on the green satin cover, but her legs were chilly. She got up, found a blanket folded into the bottom of the chest of drawers, and carefully covered her legs with it. She was quite content lying there, listening to the faint soft hiss of the gas that poured into the room, into her lungs, into her brain, as she drifted off into the dark river.